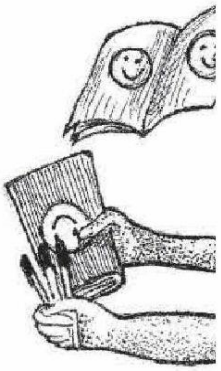
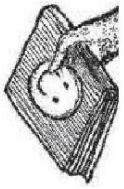
Data: 12.12.2019
Titulo: INQUÉRITO ÁVIDA CULTURAL (1)
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 92;93;94;95;96;97
Área: 1826cm²/ 70%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6686892

INQUÉRITO À VIDA CULTURAL (1)

Através da trajectória de alguns indivíduos, como António Mega Ferreira, João Barroso Soares ou João Paulo Cotrim, entre outros, os leitores encontrarão aqui muito com que se entreterem e esclarecerem, nomeadamente sobre o clima e os constrangimentos em que se desenrola a vida cultural portuguesa





Escritor e sociólogo
João Pedro George

A forte correlação entre determinados grupos clientelares que funcionam no interior do campo cultural e o acesso privilegiado aos recursos públicos, através da assinatura de contratos de ajuste directo (sem concurso) com instituições do Estado, sobretudo do poder local, é o objecto deste texto. Revela-se aqui, também, a importância decisiva das relações mundanas e do capital social na conquista de prestígio e na consagração de certas obras culturais. Através da trajectória de alguns indivíduos, como António Mega Ferreira, João Barroso Soares ou João Paulo Cotrim, entre outros, os leitores encontrarão aqui muito com que se entreterem e esclarecerem, nomeadamente sobre o clima e os constrangimentos em que se desenrola a vida cultural portuguesa. Um ensaio que antecipa algumas ideias de um livro sobre o tema a publicar em 2020, na Maldoror.

A malha de interdependências criada por indivíduos como António Mega Ferreira, João Barroso Soares, Duarte Azinheira (filho da irmã de Mega Ferreira), José Teófilo Duarte, Jorge Silva ou João Paulo Cotrim, que envolve escritores, artistas, editores, jornalistas, críticos, produtores e/ou gestores culturais, governantes, partidos políticos, instituições públicas (Centro Cultural de Belém, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, EGEAC, Câmara Municipal de Lisboa e outras autarquias, um pouco por todo o País), é um lugar de observação privilegiado para se perceber o estado e a lógica de funcionamento do campo ultramovediço da cultura portuguesa e, é bem de crer, a forma como a política vai arregimentando cortesãos.

A trajectória deste grupo fornece soma de material relevante para perceber o modo como o Estado se pode tornar uma fonte inesgotável de receitas isentas de escrutínio (ou, no mínimo, pouco transparentes) para algumas empresas privadas, como a editora Abysmo/Arranha-céus (João Paulo Cotrim) ou os ateliês Silvadesigners (Jorge Silva) e DDLX (José Teófilo Duarte). Desvirtuando assim o princípio da igualdade de oportunidades no acesso ao financiamento público das actividades culturais. Mais a mais num meio, como o cultural, em que tais oportunidades são escassas e os lugares não abundam.

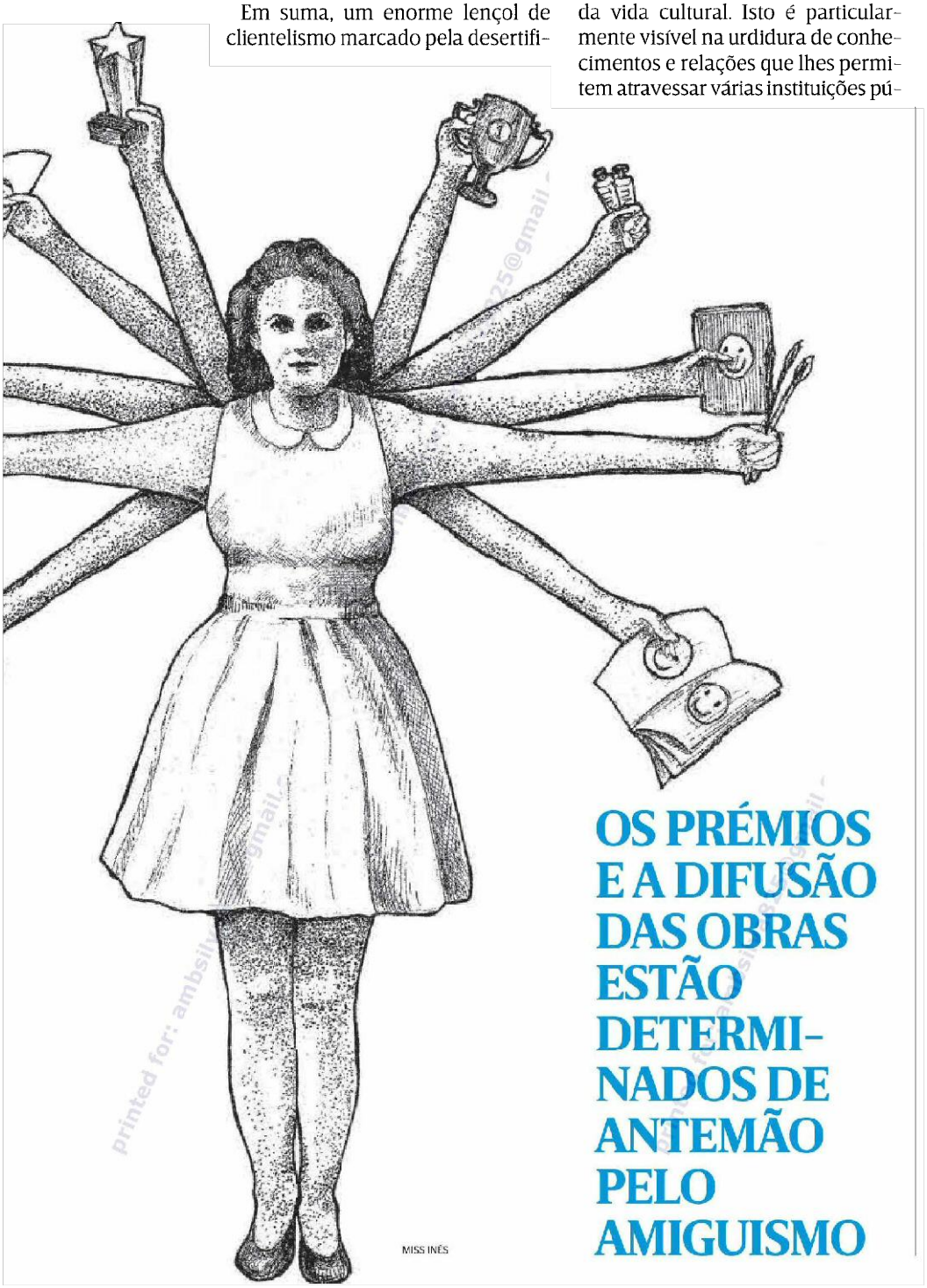
Nesta fracção do campo cultural, que persiste em reproduzir hábitos estupidamente herdados do passado, predomina a prática do favor e do dom e do contra-dom (fazer e receber em troca), um regime fundado em formas particulares de interesses e conveniências materiais. Um ambiente em que os prémios e a difusão das obras estão determinados de antemão pelo amiguismo e pelas estratégias de acesso a determinadas posições no espaço público e mundano; em que as relações quase nunca são distraídas ou desinteressadas, daí a importância das práticas mundanas e dos contactos com certas pessoas, a frequência de certos locais – festivais, festas do livro, inaugurações de exposições, lançamentos editoriais, recepções, debates, etc. –, circuitos que favorecem o intercâmbio

Data: 12.12.2019
Titulo: INQUÉRITO ÁVIDA CULTURAL (1)
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 92;93;94;95;96;97

Área: 1826cm²/ 70%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6686892

e a sociabilidade com os indivíduos mais "interessantes": os que, detendo poder ou capital, e dominando várias oportunidades de trabalho, procedem à distribuição de lugares e cargos aos intelectuais, escritores, artistas, jornalistas, curadores ou comissários que vivem à base de encomendas e de contratos por ajuste directo.

Em suma, um enorme lençol de clientelismo marcado pela desertificação ética, pelo trânsito constante entre instituições, para se nutrirem de apoios, mobilizarem recursos e suscitarem novas clientelas; para ganharem preponderância e colonizarem o máximo de oportunidades materiais, mas também de prestígio e de influência no jogo das relações cínicas em que vive uma máxima parte da vida cultural. Isto é particularmente visível na urdidura de conhecimentos e relações que lhes permitem atravessar várias instituições públicas, passando de uns trabalhos para outros e alimentando uma fauna indolente de comensais no banquete da cultura portuguesa.



O trapézio de um gestor cultural

As posições centrais que estão na origem do "Grupo do Cotrim" são ocupadas por João Barroso Soares e António Mega Ferreira (a invenção do próprio Cotrim não se pode compreender sem Mega Ferreira e sem João Soares). Os dois começaram a frequentar a Faculdade de Direito de Lisboa no ano lectivo de 1966/1967, cuja turma incluía alunos como Fernando Fonseca Santos (jurista, antigo dirigente do Benfica, ex-administrador da Reditus e de empresas como Global Vida, Estoril-Sol, Crédito Predial Português, incluindo algumas sociedades macaenses); João da Costa Seabra (pároco, dos mais influentes da Igreja católica portuguesa); João Lima Pimentel (ex-embaixador, ex-assessor diplomático do primeiro-ministro António Guterres e ex-director dos Serviços de Imprensa do MNE); João Bonifácio Serra (ex-chefe de gabinete do Presidente da República Jorge Sampaio) ou José António Sarmento de Matos (historiador de Lisboa, falecido em 2018).

Enquanto João Soares procurava fazer nome no antifascismo universitário, participando nas actividades da Associação Académica de Direito, António Mega Ferreira, depois de ter dedicado dois anos a estudar Direito, suspendia o curso em 1969 e passava a integrar, por influência de Manuel Rino (um salazarista convicto que, tal como Mega Ferreira, morava na linha de Sintra: "Na altura vivia em Mem Martins, que era uma coisa moderada, nada do que é hoje", referiu o próprio Mega à revista **SÁBADO** de 17 de Maio de 2018), a SEIT-Direcção-Geral de Informação da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, mais concretamente o departamento de Imprensa Estrangeira, onde primeiro molhou a sua pena de escriba avençado, trabalhando como redactor, sob as ordens de Pedro Feytor Pinto, até depois do 25 de Abril de 1974 (na SEIT, no mesmo serviço de estrangeiros, Mega Ferreira foi encontrar colegas da Faculdade de Direito como João Lima Pimentel, Fernando Neves,

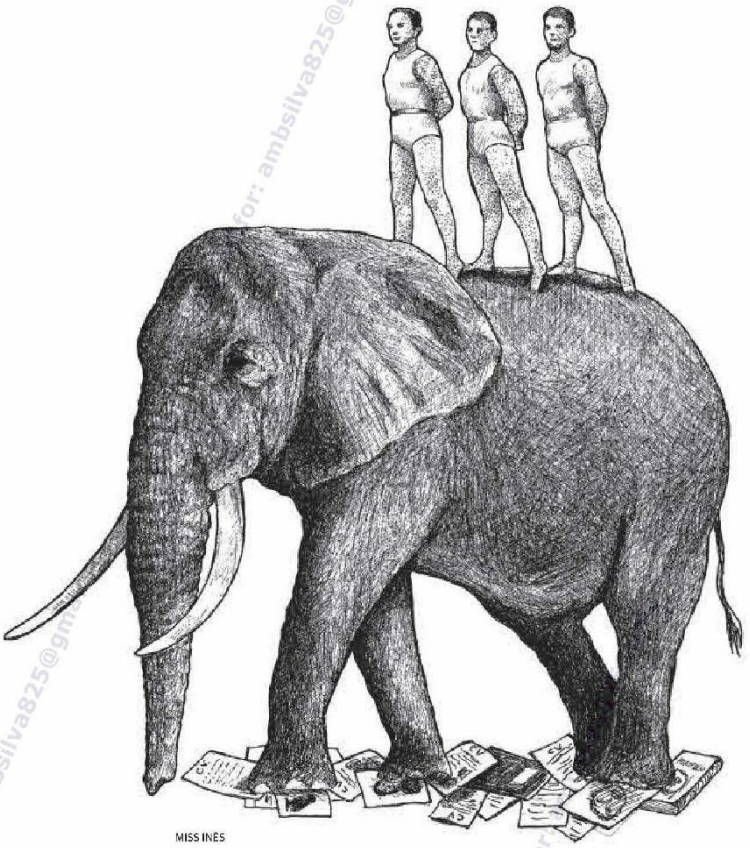
Data: 12.12.2019
Titulo: INQUÉRITO ÁVIDA CULTURAL (1)
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 92;93;94;95;96;97
Área: 1826cm²/ 70%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6686892

João Palmeiro, Marcello Duarte Mathias ou o padre João Seabra).

Depois do 25 de Abril, tanto João Soares como Mega Ferreira ocuparam diversos cargos de grande importância na vida pública do País. Este último, olvidando-se com pasmoso desembaraço do seu passado marcelista, não perdeu tempo e aproximou-se do Partido Socialista: logo em 1974 vamos encontrá-lo, ainda no Palácio Foz, a dar "apoio informal" (palavras de Mega Ferreira em entrevista à **SÁBADO**, 17 de maio de 2018) a Raul Rêgo, o ministro da Comunicação Social do I Governo Provisório.

Depois de colaborar em vários órgãos da comunicação social (*Jornal Novo*, *Expresso*, ANOP, *O Jornal*, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*), Mega passou, em 1986, para os braços da multinacional Círculo de Leitores, onde assumiu um lugar de direcção editorial. Naqueles anos, o Círculo tinha mais de meio milhão de sócios e era uma das maiores máquinas de editar livros. Não surpreende, por isso, que se tenha tornado num íman capaz de atrair uma corte de notáveis: pelos beberetes e festas das apresentações organizados pelo Círculo desaguaram literatos eminentes ou em voga, circularam pessoas ilustres da cultura e da universidade, um enfadonho rol de nomes que iam de José Mattoso até Teresa Rita Lopes, passando por José Hermano Saraiva, Augusto Abelaira, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Vergílio Ferreira, Baptista-Bastos, Lídia Jorge, Joaquim Letria, José Jorge Letria, Mário Zambujal, Maria Lúcia Lepecki, Francisco José Viegas, Manuel Alberto Valente, Rita Ferro, António Lobo Antunes, Alice Vieira, Vasco Graça Moura, Eugénio de Andrade, Clara Pinto Correia, David Mourão-Ferreira, Arnaldo Saraiva, Nuno Júdice, Eduardo Prado Coelho ou vates e boémios como Al Berto. Quanto empenho não terão posto alguns destes nomes nos contactos ali estabelecidos?

Não só da cultura, como ainda da política, entre as quais vale a pena salientar as presenças de Mário Soares, Cavaco Silva, José Afonso Furtado (então presidente do Instituto Português do Livro e da Leitura), Teresa Patrício Gouveia (secretária de Estado da Cultura), José Luís Judas, Daniel Proença de Carvalho e Marcelo Rebelo de Sousa. Todos eles tomaram, nessa altura, o caminho do Círculo de Leitores.



MISS INÊS

O sítio ideal para caçadores de celebridades e de favores, para os pedinchões de cunhas e prebendas, os obcecados pela reputação, a fama, a procura da diferença ou distinção social, enfim, a consabida fauna de bípedes que se esganiçam para se colocarem em destaque e para adquirirem prestígio ou protecção económica junto dos poderosos.

No final de 1987, o Círculo lançou a revista *Ler – Livros & Leitores* e escolheu Mega Ferreira para seu director. Mega parecia ter o dom da ubiquidade: onde quer que houvesse um jornal ou revista para colaborar e dizer coisas, ali estava ele, no *JL*, na revista *Elle* (1988), no *Diário de Notícias* 1986/90), n'*O Independente* (1988/90), etc. Para a direcção de arte da *Ler*, que incluía o *design* gráfico e a criação da maqueta da revista, Mega escolheu José Teófilo Duarte.

Na autarquia de Setúbal, o reinado de Teófilo Duarte no *design* gráfico iniciou-se em 1984. Na verdade, uma larga parte da facturação da empresa de Teófilo Duarte, a "DDLX – Comunicação, Design, Edição", depende de encomendas públicas: Câmara Municipal de Palmela, Câmara Municipal de Setúbal, Turismo de Lisboa e Vale do Tejo, Associação das Indústrias Marítimas, Instituto dos Museus e da Conservação, Turismo de Portugal, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo – CCDR LVT, Casa Fernando Pessoa, Ministério da Administração Interna, Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional do Azulejo, Programa POLIS, REFER, Turismo Centro, Turismo Odemira, Turismo Templários, Assembleia da República, etc. Só para dar um exemplo, em 29 de Julho de 2009, a "José Teófilo Duarte, Design Unipessoal" recebeu da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo – CCDR LVT, pela concepção e execução de três edições da revista CCDR LVT, em regime de ajuste directo, a quantia de 60 mil euros (ver a página digital Base: Contratação Pública Online).

Com a *Ler*, cujo primeiro número saiu em 1988, o prestígio de Mega continuava a crescer rapidamente e a insinuação do seu nome produzia cada vez maior ressonância. Graças àquele cargo, Mega conseguiu cimentar as boas relações que estabelecera com a me-

Área: 1826cm²/ 70%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6686892

lhor sociedade, recolheu boatos, intrigas, má-língua, tornou-se um rei neste reino da frivolidade medianamente culta. Maximizou os interesses criados, adquiriu veneradores, passou a privar com tipos influentes. Desde logo, com Vasco Graça Moura (VGM), que seria a imagem de capa do número 3 da revista (Verão de 1988) e o destaque dessa edição, com uma entrevista conduzida por Francisco José Viegas (FJV).

No interior, Mega inclinava-se numa elegante vénia e abria uma excepção ao modelo de que quase nunca se desviara quando escrevia regularmente no *JL*: assinava uma recensão crítica sobre um autor português. Perante VGM, o director da *Ler* mostrava-se subserviente e lisonjeava, elogiava até às nuvens, *Naufrágio de Sepúlveda*. Entre os ditirambos de Mega figuravam expressões como "história brilhantemente contada", "romance com uma vertiginosa noção do encadeamento narrativo" e com um "finale arrebatador". Páginas adiante (pp. 16-19), a grande entrevista a VGM.

ONDE QUER QUE HOUVESSE UM JORNAL OU REVISTA PARA DIZER COISAS, ALI ESTAVA MEGA

A deferência de Mega para com o autor de *Naufrágio de Sepúlveda* percebe-se: VGM era um poeta com muito poder, ocupava muitos palcos, fazia a espargata em vários sítios. Além de administrador da Imprensa Nacional (1979/1989), desempenhava as funções de comissário-geral de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha (1988/1992), era vice-presidente da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário dos Descobrimentos Portugueses (e depois seu presidente), membro da Comissão Nacional que presidia às comemorações do ano dedicado a Fernando Pessoa, e membro da Comissão da Língua Portuguesa, encarregada de negociar o acordo ortográfico para os países de expressão portuguesa, ou seja, tinha uma agenda carregadíssima, dirigia-se a tudo o que era acontecimento cultural ou lugar de festa, tecia inúmeros comentários na imprensa, concedia

Data: 12.12.2019
Titulo: INQUÉRITO ÁVIDA CULTURAL (1)
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 92;93;94;95;96;97
Área: 1826cm²/ 70%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6686892

QuickCom comunicação integrada

várias entrevistas ao ano, mandava fazer estudos, etc. E, nas horas vagas, ainda arranjava tempo para exaltar rotineiramente a política cavaquista.

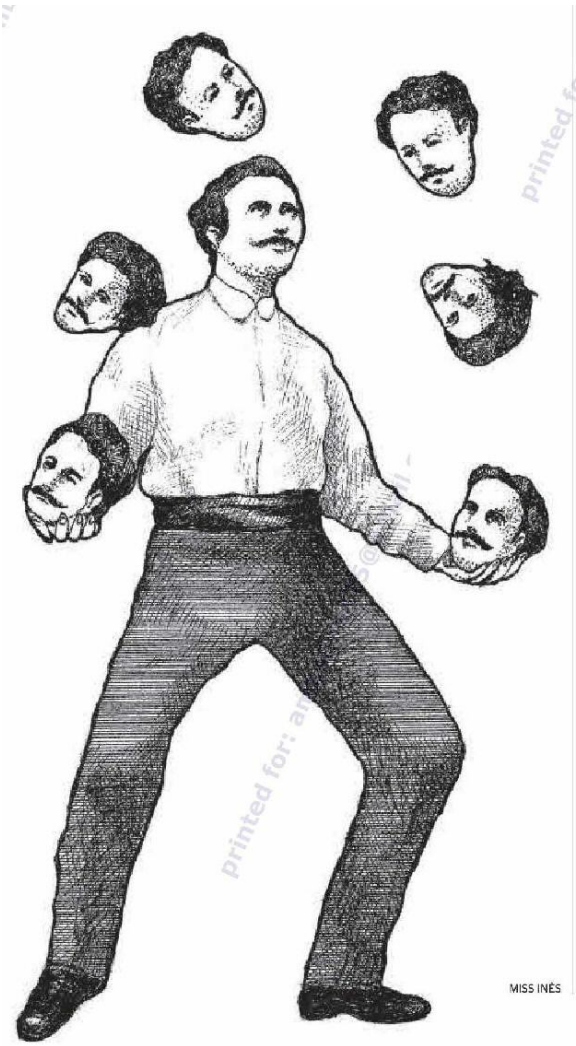
Não é preciso grande atrevimento de imaginação para concluir que os re frescos e elogios sobre *Naufrágio de Sepúlveda*, seguidos de grande entrevista ocupando quatro páginas da revista *Ler*, estreitaram a convivência entre o incansável Mega e o polivalente VGM. Em apreço pela divulgação da sua obra e em observância da norma da reciprocidade, VGM retribuiu de imediato a gentileza. Primeiro, afirmando estridentemente, pouco depois de ter saído o número da *Ler*: "se prefere a ficção dos jovens autores, apenas três ou quatro valem realmente a pena, *Adeus, Princesa*, de Clara Pinto Correia [com quem Mega Ferreira casara], *A Paixão do Conde de Frois*, de Mário de Carvalho, os dois livros de António Mega Ferreira, *O Heliventilador de Resende* e *As Caixas Chinesas*, e pouco mais" (revista **SÁBADO**, 30 de Julho de 1988, p. 128). Segundo, e mais importante, convidando Mega para a Comissão dos Descobrimentos.

A partir do momento em que passou a exercer funções como membro da Comissão Executiva e director da revista *Oceanos*, Mega grudou-se a VGM. O que, num indivíduo como VGM, que se considerava um "intrépido opositor de intelectuais que construíram a sua carreira às custas dos dinheiros públicos" (frase de Daniel Oliveira sobre VGM, publicada no *Expresso* de 6 de Fevereiro de 2012), não deixa de ser irónico. É que Mega Ferreira fez quase sempre a sua carreira à sombra do Estado, desde o SNI à RTP e à ANOP, passando pelos ministérios do PREC, a Parque Expo, o CCB, a Câmara Municipal de Lisboa (veja-se o estudo sobre um Museu para a capital ou, recentemente, o patrocínio da EGEAC para o livro *Santo António de Lisboa e Pádua. Viagem a uma Devoção Ímpar*), a Imprensa Nacional (onde é conselheiro editorial e praticamente autor da casa) ou, hoje, a Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Para ocupar o cargo de coordenador e orientador temático da *Oceanos*, revista trimestral editada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, de divulgação sobre a temática dos Descobrimentos Portugueses e de informação sobre "as actividades pelas quais a comunidade nacional e internacional se associava ao processo de Comemorações", Mega levou José Sarmento de Matos, ex-colega de curso em Direito e grande amigo. O mesmo Sarmento de Matos que, numa entrevista ao *Expresso* (14/05/2017), diria o seguinte: "Portugal é um país de teia. Ainda hoje se nota. Andamos a fazer esta luta toda contra a corrupção e tal, mas a teia, a cunha, o jeito, a tribo..."

Além de Sarmento de Matos, Mega convidou ainda Fernando Luís (para chefe de redacção; suponho que se trate de Fernando Luís Sampaio, que passaria a acompanhar Mega para todo o lado, até se ter estabelecido no CCB) e José Teófilo Duarte (director gráfico que vinha da revista *Ler*).

De resto, a entrada de Mega na Comissão Nacional dos Descobrimentos terá aberto muitas outras portas da CML a Teófilo Duarte (na qualidade de técnico gráfico, concebeu o cartaz para o 100º Aniversário do Nascimento de Fernando Pessoa – "Pessoa em Lisboa" – organizado pela CML em colaboração com o Centro Nacional de Cultura, nos dias 12 e 13 de Junho de 1988), bem como da própria Comissão dos Descobrimentos, para a qual também fez o grafismo de outros cartazes e catálogos, e.g., para a exposição *O Rosto de Camões e Outras Imagens*, inaugurada a 15 de Junho de 1989 no Mosteiro dos Jerónimos, que contou com o apoio, entre outros, da Câmara Municipal de Setúbal, e a colaboração de José Sarmento de Matos (que escreveu a introdução do catálogo).



Como na banda desenhada

A chegada de João Soares à vereação da Cultura coincidiu com o apoio da CML à revista *LX Comics* (1990), que tinha como directores Renato Abreu e João Paulo Cotrim, e onde colaboraram ilustradores como Filipe Abranches, Miguel Rocha ou Nuno Saraiva. Oriundo de sectores católicos progressistas, Cotrim começara a dar nas vistas na nova série do jornal político *Combate*, órgão trotskista mensal do Partido Socialista Revolucionário (PSR), de que era director e proprietário Francisco Louçã.

Terá sido aí que Cotrim se cruzou, pela primeira vez, com Jorge Silva (director de arte, entre 1978 e 2003), José Teófilo Duarte (que além de membro do conselho editorial, também fazia uma perninha no grafismo), Nuno Saraiva e Cristina Sampaio (ilustradores) e João Bonifácio Serra (futuro chefe da Casa Civil do Presidente da República Jorge Sampaio, professor coordenador da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha – ESAD.CR, e presidente da Fundação Cidade de Guimarães, tendo sido nessa qualidade o responsável pelo projecto "Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura", onde colaboraram alguns elementos do Grupo do Cotrim), nomes que, como veremos adiante, fazem parte da mesma rede de contactos, pacientemente tecida por Cotrim ao longo dos anos.

Primeiro como colaborador eventual, a partir de Junho de 1988, depois

Área: 1826cm²/ 70%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6686892

como colaborador permanente, em Dezembro de 1990, João Paulo Cotrim foi ganhando protagonismo no interior do grupo de pessoas que circulavam na sede do PSR, no nº 268 da Rua da Palma, como Eduarda Dionísio, João Martins Pereira, Jorge Silva Melo, Adelino Gomes, Fernando Alves, João Nabais, Luís Miguel Cintra, Manuela de Freitas e Viriato Soromenho Marques.

Esse protagonismo materializou-se na responsabilidade (ao lado de Júlio Pinto, ex-militante do PCP e apoiante activo da campanha eleitoral de João Soares para a CML) pelo suplemento humorístico do Combate, *Ovelha Negra* (Dezembro de 1991).

No início de 1990, Cotrim emergiu na *Ler* como colaborador (chegaria a redactor principal em 1996/97), poucas semanas depois de Mega Ferreira passar a direcção da revista para Francisco José Viegas, mantendo-se no grafismo José Teófilo Duarte. Mas o que catapultou Cotrim para uma posição estratégica no meio cultural foi a ascensão de João Soares, em 1995, à presidência da CML. No ano seguinte, o filho de Mário Soares convidou Cotrim para dirigir a Bedeteca de Lisboa (actual Biblioteca dos Olivais).

O QUE CATAPULTOU COTRIM FOI A ASCENSÃO DE JOÃO SOARES À PRESIDÊNCIA DA CML

Entre 1996 e 2002, quando João Soares deixou a CML, a Bedeteca transformou-se no primeiro grande núcleo, e o viveiro da futura rede, do Grupo do Cotrim, que incluía contactos pessoais e institucionais bem colocados. Desperto para as oportunidades que se lhe abriam, Cotrim desdobrou-se em edições, iniciativas, exposições, conferências e colóquios relacionados com a divulgação e a promoção da BD, da ilustração, do *cartoon* e, genericamente, da animação cultural, que lhe permitiriam ampliar as condições de produção e difusão do seu trabalho. ■

Na próxima edição: À lareira da EXPO

Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico